



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

LUANA SILVA PEREIRA

**JOGUE COMO UMA MENINA: A APROPRIAÇÃO FEMININA DO FUTEBOL NA
OBRA “LILI PIMENTA, A DONA DA BOLA”**

**CAMPINA GRANDE – PB,
2022**

LUANA SILVA PEREIRA

**JOGUE COMO UMA MENINA: A APROPRIAÇÃO FEMININA DO FUTEBOL NA
OBRA “LILI PIMENTA, A DONA DA BOLA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado.

Área de concentração: Estudos socioculturais pela literatura.

Orientador: Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436j Pereira, Luana Silva.

Jogue como uma menina [manuscrito]: a apropriação feminina do futebol na obra "Lili Pimenta, a dona da bola". / Luana Silva Pereira. - 2022.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação: Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Futebol feminino. 2. Gênero. 3. Literatura infantojuvenil.
4. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

LUANA SILVA PEREIRA

JOGUE COMO UMA MENINA: A APROPRIAÇÃO FEMININA DO FUTEBOL NA OBRA “LILI PIMENTA, A DONA DA BOLA”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Estudos socioculturais pela literatura.

Aprovada em: 04/ 08/ 2022

BANCA EXAMINADORA

Kalina Naro Guimarães

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Monalisa Barboza Santos Colaço

Profa. Ma. Monalisa Barboza Santos Colaço
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O FEMINISMO	6
3	A LITERATURA E A LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO: O QUE DIZ O LIVRO “LILI PIMENTA, A DONA DA BOLA”	11
3.1	Gênero e futebol no livro “lili pimenta, a dona da bola”	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS	21

JOGUE COMO UMA MENINA: A APROPRIAÇÃO FEMININA DO FUTEBOL NA OBRA “LILI PIMENTA, A DONA DA BOLA”

PLAY LIKE A GIRL: THE FEMALE APPROPRIATION OF FOOTBALL IN THE WORK “LILI PIMENTA, A DONA DA BOLA”

Luana Silva Pereira*

RESUMO

Apesar de alguns avanços, o futebol ainda é um espaço bastante marcado pela presença e domínio masculino, o que dificulta a emancipação das mulheres que desejam seguir com a prática dessa modalidade esportiva. Como representação possível de grupos que buscam a inclusão social, a Literatura vem tendo sua participação nos pequenos avanços que são dados quando o assunto é a prática do futebol feminino no Brasil. Algumas obras literárias trazem protagonistas mulheres ocupando as mais variadas funções, inclusive, jogando futebol, como é o caso da obra, considerada literatura infantojuvenil, intitulada “Lili Pimenta, a dona da bola” (2009), do escritor Edson Gabriel Garcia. Assim, esta pesquisa analisa algumas situações e vozes contrárias, por preconceito de gênero, à inserção de Lili no time de futebol masculino da escola, tentando vetar a liberdade da personagem. Para isso, tomamos como base na pesquisa os estudos realizados por Goellner (2005), Anjos et al (2018) e Kessler (2015) no tocante ao futebol feminino e sua historicização. Quanto à discussão em torno do gênero, contamos com uma coletânea organizada por Hollanda (2019), e com as contribuições de Piscitelli (2009). No que tange à crítica literária feminista, o trabalho foi fundamentado pelos pressupostos apresentados por Zolin (2009) e Alós e Andreta (2017).

Palavras-Chave: Futebol Feminino, Gênero, Literatura Infantojuvenil.

ABSTRACT

The football still is a markable scenery by male voices which stops all and wherever tentative of emancipation by the women which desire follow with modality. On behalf of groups which seek to inclusion, the literature has come its participation in the little advances which are information when the subject is the future of the female football in Brazil. Some literary works brings female characters occupying the most varied functions, even, playing football, which is the case of analyzed work here “Lili Pimenta a dona da bola” of the writer Edson Gabriel Garcia, which proposes a discussion around the challenges shown to Lili when she decides play football in a boy team. So, the research has as objective to show and analyze the narrative situations in which is denied to the character the right of live freely. For this, we took as a basis in the research the studies made by Goellner (2005), Anjos et al (2018) and Kessler (2015) regarding the female football and its historicization. About the discussion around the genre, we count with a compilation organized by Hollanda (2019), and with the contributions of Piscitelli (2009). Regarding the feminist literary

* Graduada em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
E-mail: loppes590@gmail.com

criticism, the basis will be on account of assumptions presented by Zolin (2009) and Alós and Andreta (2017).

Keywords: Female Football, Genre, Children's Literature.

1 INTRODUÇÃO

Por que é tão difícil abrir o jogo quando o assunto é futebol praticado por meninas no Brasil, o país do futebol? Por que é sempre tão polêmico levantar questões que envolvem a prática do esporte por parte das mulheres? Não é de hoje que se questiona o investimento desigual nas modalidades do futebol feminino e masculino. Se antes a falta de investimento no futebol feminino era naturalizada, atualmente configura-se em um problema a ser discutido.

O futebol das mulheres é questionado desde o seu surgimento, quando tudo não passava de uma diversão, conforme se observa em uma matéria feita pelo Globo Esporte¹, no ano de 2019, ano da copa de futebol feminino na França. A matéria do GE resgatou o contexto inicial da história do futebol das mulheres, quando elas entraram em campo para fazer uma apresentação para a plateia de um circo. De acordo com a reportagem, essas performances expandiram-se pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte. Desse evento, ocorrido por volta de 1920, prevaleceu a fama de amadorismo e de mero entretenimento que, ainda hoje, respinga no futebol jogado pelas meninas.

Mas o show que, antes, era visto como atração de circo foi ganhando, pouco a pouco, o reconhecimento e hoje as mulheres jogam bola não para ser parte de um espetáculo, mas para ser o próprio espetáculo. Mulher e futebol, quem disse que essa relação não teria futuro? Tem passado, presente e futuro, que, mesmo incerto, já traz alguns questionamentos. Em importante discurso após eliminação da copa do mundo de futebol feminino na França, no ano de 2019, a jogadora Marta fez uma declaração marcada por lágrimas (é preciso que as meninas “chorem no começo para sorrir no fim”), mas também pelo convite à reflexão sobre as lutas e conquistas do futebol feminino.

Mesmo diante de muito preconceito e machismo, ser eleita seis vezes a melhor do mundo não é uma missão simples, mas Marta conseguiu esse título com tamanha maestria que até parece fácil. Todavia, na realidade, jogar futebol nunca foi uma tarefa convidativa às meninas, pois, embora muitas tenham tido o primeiro contato com este esporte na infância, poucas continuam a jogá-lo ao longo da vida e menos ainda as que conseguem se profissionalizar. E, talvez, isso aconteça não por “falta de interesse” dessas garotas, mas pelo pouco incentivo e investimento.

Quando o assunto é futebol ainda impera o machismo. As vozes que se apropriam do futebol ainda são masculinas, barrando a tentativa de emancipação das mulheres dentro do contexto futebolístico. Mas há que se considerar que importantes passos já estão sendo dados quando o assunto é o futuro do futebol feminino no Brasil, e a literatura vem tendo participação nesses pequenos avanços.

¹ Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#:~:text=At%C3%A9%20a%20d%C3%A9cada%20de%2040,e%20ideal%20apenas%20para%20home ns>. Acesso em: 31/05/2022.

Atualmente, a partir do chamado *boom* da literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980, conforme Cademartori (2010), a literatura infantojuvenil tem incluído cada vez mais vozes e representações de diferentes grupos sociais, especialmente aqueles que buscam sua emancipação. Nesse âmbito, algumas obras estão surgindo trazendo personagens mulheres exercendo as mais variadas funções, dentre as quais a de jogadora de futebol. Dessa maneira, é importante promover estudos que discutam essas obras, na ótica de analisarmos a apropriação do mundo pelas mulheres, inclusive no meio de um esporte tradicionalmente considerado masculino.

Assim, esta pesquisa aborda o livro do escritor Edson Gabriel Garcia, “Lili Pimenta, a dona da bola” (2006). Considerada literatura infantojuvenil, a obra propõe uma discussão acerca da apropriação do futebol pela protagonista e os embates que ela enfrenta nesse espaço visto como masculino. Neste livro, observamos que, embora não haja nenhum regulamento que proíba Lili de estar em quadra, o fato de a personagem ser uma garota faz com que a sua entrada na competição de futebol com os meninos seja questionada e julgada.

Diante do exposto, esse estudo tem o objetivo de apresentar e analisar as situações narrativas nas quais é negado a Lili o direito de viver livremente, bem como os discursos que tentam ridicularizar e impedir que a protagonista jogue no time dos meninos, utilizando, para isso, a questão do gênero. A pesquisa aqui desenvolvida é de caráter qualitativo, tendo em vista que se visa obter resultados a partir da reflexão gerada pela análise detalhada de uma obra previamente selecionada. É uma pesquisa bibliográfica e documental, à medida que se vale de outras fontes de informação, tais como: sites, blogs, etc, para melhor desenvolvimento da crítica literária proposta.

Para desenvolver nosso trabalho, tomamos como base os estudos realizados por Goellner (2005), Anjos *et al* (2018) e Kessler (2015) no tocante ao futebol feminino e sua historicização. Quanto à discussão em torno do gênero, contaremos com alguns textos de Scott e Fraser em uma coletânea organizada por Holanda (2019), e com as contribuições de Piscitelli (2009). No que tange à crítica literária feminista, o embasamento estará por conta dos pressupostos apresentados por Zolin (2009) e Alós e Andreta (2017).

Este artigo trata-se de uma crítica literária sobre o livro “Lili Pimenta, a dona da bola”, do Edson Gabriel Garcia (2006), mediada pelos fundamentos teóricos já expostos, constituindo-se, assim, numa pesquisa bibliográfica e documental. No primeiro tópico, apresentamos um pouco do contexto futebolístico inicial marcado por proibições e pensamentos machistas. No segundo, debatemos a questão do futebol feminino a partir da discussão da obra “Lili Pimenta”. Por último, analisamos o livro em perspectiva neste trabalho, a partir da observação sobre os desafios enfrentados pelas meninas que decidem jogar futebol, seja profissionalmente ou por diversão, como é o caso da personagem Lili, refletindo sobre como este esporte tornou-se espaço de apropriação feminina.

2 A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O FEMINISMO

A questão do gênero no esporte, mais especificamente no futebol, pode ser pensada a partir da própria história e construção do futebol feminino em território brasileiro. Como modalidade trazida por um homem, o futebol começou a ser praticado por essa categoria masculina. Charles Miller foi o precursor do futebol no Brasil², e a ele foi dado o título de “pai do futebol”, por sua relação direta com o fenômeno que não só fez sucesso entre os

² Esse estudante paulista retornou da Inglaterra em 1894 e trouxe na bagagem diversos artigos, como bolas, uniformes e um livro com as regras estabelecidas para o futebol.

brasileiros, como também passou a ser usado como característica do país, pois o Brasil é considerado o “país do futebol”.

Pensar a história do futebol já propõe uma discussão em torno do gênero, tendo em vista que o contexto inicial é marcado pela entrada de homens nos campos, e não de mulheres. O esporte foi trazido e pensado para o homem, mais especificamente os de elite, como aponta o texto trazido pelo site *Mundo Educação*³. Um fato curioso é que devido à violência necessária para a prática dessa modalidade esportiva, o então Rei Eduardo II da Inglaterra, por volta de 700 anos atrás, proibiu o futebol quando ele ainda nem era denominado como tal, decretando: “Há um grande barulho na cidade, causado por uma disputa através de bolas enormes, das quais muitos males podem surgir e dos quais Deus nos livre. Nós comandamos e proibimos em nome do rei, sob pena de prisão, que tal jogo ímpio seja praticado na cidade”, conforme resgate feito pelo site da Trivela⁴, no dia 13 de abril de 2014.

É importante considerarmos esse início futebolístico marcado por proibições, pois Getúlio Vargas, o governador na época (1930 – 1945), assinou decreto que interditava as mulheres do direito de praticar futebol. O documento de 1941 retirava de campo especificamente o grupo feminino, e isso se constituiu, evidentemente, numa questão de gênero, conforme podemos ver na matéria do Jornal USP⁵, que resgatou essa proibição na era Vargas:

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país, dizia o decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. O artigo foi criado durante a Era Vargas e vigente até 1983. Durante todo esse tempo, ele proibiu, dentre os esportes considerados masculinos, a prática do futebol feminino no Brasil. (LOPES, 2019).

Para um início de futebol praticado por mulheres a proibição foi um verdadeiro impedimento, pois as iniciativas, por menores que fossem, já esbarravam na lei, que foi fruto de uma “tensão presente entre diferentes concepções acerca da relação entre mulheres e atividades físicas” (GOELLNER, 2005, p.145), havendo, “por parte de alguns setores da sociedade brasileira, um movimento de cerceamento à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas” (GOELLNER, 2005, p. 145). Dessa forma, às mulheres que desejassem seguir com o esporte só restava a prática clandestina. A “clandestinidade” do futebol feminino prevalece até os dias atuais, em certo sentido. Não existe uma lei que vete a mulher de jogar futebol, mas o julgamento social segue cumprindo com esse papel.

Ainda pensando na lei é importante entender que, em nenhum momento, se levou em consideração a habilidade das mulheres com a prática esportiva. O que foi frisado a todo momento foi a “natureza” da mulher, isto é, o aspecto puramente biológico que fazia desta um ser incompatível com aquilo que era, aparentemente, exigido pelo futebol. Por trás do decreto-lei, havia muito preconceito e uma resposta política ao que acontecia no contexto da época. Se as mulheres estavam saindo em busca do futebol, elas também estavam alcançando outros cenários sociais. Nessa ótica, a proibição de 1941, mais do que apenas representar um impedimento para que a modalidade feminina de futebol não avançasse, significava também uma tentativa de manter certo controle diante de um contexto de mudanças, em que as

³ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao-fisica/futebol-2.htm>. Acesso em 31/05/2022.

⁴ [https://trivela.com.br/inglaterra/ha-700-anos-o-futebol-era-proibido-pelo-rei-sob-ameaca-de-prisao-quem-jogasse/#:~:text=A%20pr%C3%B3pria%20Inglaterra%20contava%20com,proibido%20h%C3%A1%20exatos%20700%20anos.&text=Durante%20a%20Idade%20M%C3%A9dia%2C%20os,as%20regras%20dependiam%20da%20regi%C3%A3o](https://trivela.com.br/inglaterra/ha-700-anos-o-futebol-era-proibido-pelo-rei-sob-ameaca-de-prisao-quem-jogasse/#:~:text=A%20pr%C3%B3pria%20Inglaterra%20contava%20com,proibido%20h%C3%A1%20exatos%20700%20anos.&text=Durante%20a%20Idade%20M%C3%A9dia%2C%20os,as%20regras%20dependiam%20da%20regi%C3%A3o.). Acesso em 31/05/2022.

⁵ Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em 31/05/2022.

mulheres começavam a ocupar mais espaços. O impedimento em campo era também uma forma de barrar os esforços femininos fora dele.

Algumas mulheres nos anos 1940 começavam a se desviar dos lugares aos quais foram, inicialmente, destinadas: o lar, a educação e o cuidado com os filhos. Fruto das lutas feministas, esse deslocamento foi também motivado pela Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), haja vista que, com os homens nos campos de batalha, as mulheres passaram a ocupar atividades nas indústrias, nos comércios, enfim, em muitos setores produtivos.

Foi, neste contexto de ebulição social, que ocorreu a primeira partida de futebol feminino com os times *Casino do Realengo e Sport Club Brasileiro*, ambos do subúrbio carioca, no recém-inaugurado estádio do Pacaembu, em São Paulo. O evento atraiu 65 mil espectadores, lotando o estádio, graças, em parte, à polêmica que circulou antes dessa partida preliminar. Conforme matéria trazida pelo site Galileu⁶, um cidadão endereçou uma carta a Getúlio Vargas, na qual se mostrou contra a prática do futebol pelas mulheres, argumentando que “a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe”. Notamos que o único destaque dado é para a natureza da mulher, que a torna mãe, tendo o fato biológico como incompatível com uma prática considerada violenta. Esse episódio ocorreu em 1940, um ano antes da proibição oficializada pelo Getúlio Vargas.

O futebol feminino precisou retomar suas forças após quase 40 anos proibido por lei, e foram os movimentos feministas que permitiram essa recuperação, pois foram essas lutas que trouxeram um olhar questionador para a posição ocupada pela mulher na sociedade. Sem problematizar a naturalização dos espaços considerados próprios ao feminino seria difícil a inserção das mulheres em novos âmbitos sociais, dentre os quais o campo ou quadra de futebol.

Quando o assunto é feminismo, a primeira consideração a ser feita é sobre a própria origem do termo, sobre o significado que carrega. Wittig (1980) traz um posicionamento interessante a respeito disso, conforme trecho em destaque:

O que significa “feminista”? É uma palavra formada por “femme”, “mulher”, e significa alguém que luta pelas mulheres. Para muitas de nós, significa alguém que luta pelas mulheres como uma classe e pelo desaparecimento dessa classe. Para muitas outras, significa alguém que luta pela mulher e sua defesa – pelo mito, então, e seu esforço. Mas por que a palavra “feminista” foi escolhida se ela ainda contém um mínimo de ambiguidade? Nós escolhemos nos de chamar de “feministas” dez anos atrás não para apoiar ou reforçar o mito de mulher, nem a fim de nos identificarmos com a definição que o opressor faz de nós, mas sim para afirmar que nosso movimento tinha uma história e enfatizar o elo político com o velho movimento feminista (WITTIG, 1980, p. 87).

Ainda nesse mesmo texto, Wittig (1980) enfatiza a importância da união feminina para a destruição daquilo que definiu como “mito da classe”, sistema em que os homens “se apropriam das mulheres”. Para reafirmar a urgente necessidade desse apelo, Wittig (1980) ainda ressalta que se trata de uma questão de sobrevivência, que só poderá ser conseguida se houver a completa “destruição da heterossexualidade como um sistema social baseado na opressão das mulheres pelos homens, e que produz a doutrina da diferença entre sexos para justificar a opressão” (WITTIG, 1980, p. 92).

Nancy Fraser, no texto intitulado “Feminismo, capitalismo e a astúcia da história”, faz uma retrospectiva histórica sobre a segunda onda do feminismo no contexto do capitalismo e destaca o problema do assédio sexual, tráfico de mulheres, desigualdade salarial, pautas que já

⁶ Disponível em:

<https://www.google.com/amp/s/revistagalileu.globo.com/amp/Sociedade/Historia/noticia/2021/07/o-decreto-lei-que-proibiu-mulheres-de-jogar-futebol-no-brasil-por-40-anos.html>. Acesso em: 31/05/2022.

foram consideradas revolucionárias, mas que hoje já fazem parte do imaginário social, por conta da popularização do ponto de vista feminista, embora a prática demonstre que ainda falta muito para que haja, de fato, uma “mudança estrutural e institucional” sobre os temas (FRASER, 2009, p. 27).

Devido a questões históricas, sociais e culturais, conforme a aceitação em torno de movimentos considerados, à época, “revolucionários” foi ocorrendo, uma falsa ideia de causa ganha também foi sendo apregoada. Porém, ao tratar do caráter ambíguo da visão popularmente difundida sobre a segunda onda do feminismo, Fraser (2009, p.27) aponta que “essa mudança drástica de comportamento no nível das atitudes não eliminou, de forma alguma, tais práticas”. Isto é, ainda que os valores do feminismo tenham ganhado amplo eco social, coexistem práticas pouco sintonizadas com os ideais de justiça nas relações de gênero. Portanto, a revolução feminista no seio cultural ainda não se converteu numa mudança plena na estrutura social.

Assim, nos dias atuais, pensar em “feminismo” é confrontar-se com um campo vasto, em que muitas são as questões postuladas e problematizadas. Quando observamos os avanços em torno dos direitos das mulheres no presente há um conforto, uma ideia de que “tudo mudou”. Todavia, ainda persistem, no meio social, práticas de assédio e outras violências contra as mulheres ocorridas em vários espaços inclusive no futebol, cujos episódios são noticiados cotidianamente nos telejornais e em outras mídias. A luta pelo direito da mulher, pela liberdade e igualdade asseguradas na constituição brasileira (1988), precisa, então, ser travada ininterruptamente, pois avanços conquistados podem ser perdidos, se não há vigília social.

A segunda onda do feminismo, representada especialmente pelas mulheres brancas da classe média estadunidense, inglesa e francesa, teve grande impacto na compreensão de uma história das mulheres, pois questionava como se dava o controle social em campos também privados, como em casa e nos corpos femininos. A chave para a percepção da desigualdade entre homens e mulheres deu-se, sobretudo, através da reflexão do salário familiar:

Elas expuseram o salário familiar como o ponto em que convergiam a má distribuição de gênero, a falta de reconhecimento e a falta de representação. O resultado foi uma crítica que integrava economia, cultura e política em uma análise sistemática da subordinação das mulheres no capitalismo organizado pelo Estado. (FRASER, 2009, p.33)

A intenção das feministas não era de promover acriticamente “a incorporação completa das mulheres como assalariadas na sociedade capitalista”, mas questionar amplamente o sistema enraizado na figura masculina, posta, ao longo dos séculos, no topo da hierarquia social. Assim,

[...] as feministas de segunda onda buscavam transformar as estruturas profundas do sistema e os valores que o estimulam – em parte descentralizando o trabalho assalariado e valorizando as atividades não assalariadas, especialmente os trabalhos que envolvem cuidado, socialmente necessários e executados por mulheres. (FRASER, 2009, p. 33)

Nesse cenário, nota-se que a segunda onda do feminismo mais do que defender a inclusão feminina no mercado de trabalho também contribuiu para valorizar os trabalhos que envolvem o cuidado, considerados tradicionalmente como fazeres ou ocupações de mulher. O sucesso da segunda onda ampliou o número de ativistas, de pessoas que se identificavam com os ideais de liberdade trazidos pelo movimento, iniciando uma onda de popularização de alguns valores feministas, como a busca por igualdade salarial e um maior reconhecimento das atividades referentes ao cuidado.

Apesar de alguns avanços, como já dissemos, as mulheres seguem buscando emancipação em diversos cenários que continuam sendo vistos como “campos masculinos”, frutos de um sistema social que coloca a mulher em posição subalterna frente ao homem, como é o caso do futebol, um espaço ainda dominado pela ideia de que a figura masculina tem total liberdade de atuação, enquanto a figura feminina é, muitas vezes, considerada uma invasora, alguém que se “apropria” de um espaço que não é seu.

O fato de a jogadora Marta ter sido eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo, tendo ultrapassado figuras masculinas de grande prestígio social, em determinado momento, não foi suficiente para promover no futebol o reconhecimento do esporte como parte também do universo feminino, acompanhado de uma crescente valorização sociocultural e econômica. O investimento desigual entre as modalidades futebolísticas, masculino e feminino, ao contrário, comprova e promove ainda mais esse quadro de desigualdade.

É bem verdade que existem e existiram muitas contribuições que fizeram toda a diferença na história do futebol feminino, contribuições de atletas, de ativistas, de feministas que mantêm vivo esse ideal de emancipação tão apreçoado entre as jogadoras. Mas, quando o assunto é “luta”, ainda há muito o que se buscar no campo futebolístico. Scott (1986) trouxe uma colocação que é mais do que válida na discussão aqui proposta, pois “é preciso nos perguntarmos mais frequentemente como as coisas aconteceram para descobrir por que elas aconteceram”. Para olhar para o futebol feminino hoje se faz necessário voltar o olhar para o passado, para o que fez com que as coisas acontecessem da forma que aconteceram, pois é assim que se compreende o porquê de as coisas terem seguido por determinados caminhos e chegado ao resultado que se tem hoje, que ainda não é tão favorável em termos de igualdade.

No texto intitulado “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, Scott (1986) ressalta a contribuição da reflexão sobre “gênero” para os estudos feministas. Por muito tempo, “gênero” e “sexo” nutriram uma relação de paridade, decorrente da biologia que traz o homem marcado por seus traços, supostamente essenciais, de masculinidade, principalmente no que diz respeito ao aspecto “virilidade”, e a mulher por sua feminilidade natural demarcada pelo sistema reprodutor, através do qual pode conceber um filho. Pensar “gênero” acabou se tornando complicado por uma falta de clareza entre o que, de fato, o termo pretendia significar.

Para Scott (1986), o gênero está ligado à “percepção sobre a diferença sexual”, que faz com que, culturalmente, sejam atribuídos a homens e mulheres comportamentos diferentes. Segundo a autora, trata-se de “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1986, p. 67). Dessa maneira, os papéis considerados masculinos e os tomados como femininos não são efeitos naturais ou do destino, mas consequências das relações de poder, que permitem ao homem submeter a mulher ao seu domínio.

Piscitelli (2009), ao procurar esclarecer o conceito de gênero, afirma que este tem significado distinto da perspectiva biológica. Se o sexo faz menção diretamente ao biológico, que define homem como pertencente ao sexo masculino e a mulher como pertence ao sexo feminino através de suas diferenças anatômicas, o conceito de gênero é pautado especialmente no plano cultural, que lê os corpos humanos e atribui a estes valores, papéis e oportunidades diferentes, conforme o regime de poder vigente nas sociedades.

Ainda segundo Piscitelli (2009, p.119), “toda discriminação costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação”. Quando se tem no futebol a associação ao aspecto de agressividade que é uma característica considerada do masculino e não do feminino, cria-se um cenário em que a mulher não tem “vez”, por supostamente não ter a qualidade necessária para desenvolver satisfatoriamente o esporte.

Nessa perspectiva, muitas mulheres, para burlar o estereótipo do futebol como atividade de homens, passam a ser masculinizadas, ou terem sua identidade questionada, como ocorre, diversas vezes, com a personagem Lili Pimenta, protagonista da obra aqui analisada. A menina, que seria a goleira do time da escola, está sempre cercada por confusões, uma delas envolvendo os termos “goleiro” ou “goleira”. A dificuldade de os meninos do time em definir se a colega seria “goleiro ou goleira” expressa a tendência de associar o futebol apenas ao masculino, pois a menina que tenta ocupar as linhas do campo passa a ser masculinizada, como veremos adiante.

3. A LITERATURA E A LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO: O QUE DIZ O LIVRO “LILI PIMENTA, A DONA DA BOLA”

A literatura vem sendo um espaço para vozes de grupos que buscam emancipação, e a categoria feminina, conforme exposto no presente trabalho, é um desses grupos que vem se valendo do literário para ocupar espaços que, antes, eram destinados aos grupos considerados majoritários, socialmente. Pensando nessa questão, a crítica feminista surge como um “instrumento de que dispomos hoje”, conforme defende Zolin (2009, p. 181), pois ela “tem assumido o papel de questionadora da prática acadêmica patriarcal”.

Durante muito tempo, as academias literárias reproduziram o mesmo sistema desigual de gênero evidenciado na sociedade brasileira. A intelectualidade, no início de nossas letras, parecia acessível apenas à figura masculina. O homem detinha o poder, a voz, e, portanto, era também aquele que tinha o saber. Vale destacar que esse resultado foi fruto da própria construção social que sempre colocou o homem em posição de privilégio e de superioridade. Quando o feminismo, enquanto movimento social organizado, surge, entre os séculos XIX e XX, ele problematiza o funcionamento e a organização social com base no gênero, denunciando os preconceitos e a falta de oportunidades e de cidadania plena para as mulheres.

Na perspectiva de Alós e Andreta (2017), o feminismo preocupou-se em levantar alguns questionamentos que, de certo modo, foram de encontro aos sistemas que prevaleciam na época; sistemas que hierarquizavam e subordinavam grupos em detrimento de outros, tomando a supervalorização do masculino em detrimento do feminino. Essa ideia de “confrontar” o que já era pré-determinado na sociedade trouxe uma carga negativa para a própria ideia de “feminismo” no início, pois houve uma demonização do termo, das militantes e de sua luta. Em síntese, as preocupações das três ondas do feminismo, conforme Alós e Andreta (2017), foram de significar, de trazer para a sociedade a voz feminina. Assim, “as teorias feministas pressupõem um lugar de destaque dado a uma questão fundamental não privilegiada pelas outras teorias: o lugar da mulher como produtora, consumidora e objeto representado nos textos literários” (ALÓS E ANDRETA, 2017, p. 28).

Cada onda feminista, a seu modo, conseguiu contribuir com a redefinição e reconstrução do espaço e representação feminina, mas há que se destacar a segunda onda feminista, pois ela não só questiona o papel da mulher na sociedade (“fim do casamento forçado”, “direito ao voto”, “acesso à educação formal”), mas também passa a se engajar em outras lutas sociais que emergiam em sua época, como a luta antirracista nos Estados Unidos, e a luta contra a ditadura militar, no Brasil, por exemplo.

O feminismo passa, então, a olhar e a dialogar com as lutas sociais, o que foi muito importante para a própria expansão teórica desse movimento. Destarte, a crítica feminista surge como um instrumento através do qual se questiona o cânone literário, geralmente ocupado por autores brancos e de classe média, e as relações de gênero representadas nas obras. Nesse cenário, essa crítica destaca que os textos literários, bem como outras obras artísticas, podem reproduzir os estereótipos negativos em torno da figura feminina, como

Zolin aponta (2009). Então, essa vertente da crítica literária se propõe a perceber o texto sob o ponto de vista da mulher, pois “a constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas” (ZOLIN, 2009, p. 181).

Mais do que analisar o literário sob uma ótica feminina, segundo Zolin (2009), a crítica feminista estava preocupada em dar destaque ao que não foi privilegiado em outras teorias, trazendo não apenas a mulher como objeto representado nos textos literários, mas também como aquela que produzia literatura, e que também consumia. Sendo assim, a crítica literária feminista trouxe uma nova forma de olhar para o texto, problematizando o papel da mulher na sociedade.

É no contexto de avanço dos direitos civilizatórios das mulheres, ao menos em algumas sociedades, que surge o termo “pós-feminismo”, conforme destacam Alós e Andreta (2017). O prefixo “pós” já carrega consigo uma noção de término, de algo que vem para sacramentar o fim de uma era, como se o movimento feminista já tivesse alcançado seus propósitos, o que evidentemente não é o caso ainda hoje.

Assim, o termo “pós-feminismo” transmite uma falsa ideia de “vitória” das mulheres, como se a causa feminista não tivesse mais pelo que lutar, pois não haveria mais opressão de gênero. Diante disso, é possível a afirmação de que houve uma tentativa de barrar a continuidade de estudos sobre mulheres, porque questionar o modo como a mulher era representada nos textos que circulavam tanto nas academias quanto fora delas, por exemplo, implicava considerar a forma como ela era posicionada e vista socialmente, já que a literatura tem um contato dialógico com as realidades sociais.

Para quem está confortável com determinada situação, “questionar” configura-se num problema, pois atrai olhares, gera dúvidas, e sugere, em muitos casos, algum tipo de transformação. Então, não era do interesse do sistema dominante permitir um olhar crítico sobre a questão da mulher na sociedade, porque isso poderia acarretar uma mudança social mais radical. Desse modo, o fazer crítico feminista desperta uma reflexão sobre os papéis destinados à mulher, pois, como afirma Zolin (2009):

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico por parte dos (as) escritores (as) em relação às construções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2009, p. 182).

Essa repressão feminina, fruto de um amplo sistema de dominação no qual a figura masculina assume o poder, passa a ser confrontada a partir desse olhar crítico para o texto literário, que só se tornou possível com a crítica feminista. É através desse instrumento, como definiu Zolin (2009), que é possível, hoje, ler a literatura pensando na desigualdade de gênero, em como a mulher é representada, por quem e em que contexto ela está sendo colocada como objeto de representação literária.

É no campo da crítica feminista que o futebol tem sido visto como um espaço de discussão, já que a modalidade é marcada por avanços tecnológicos, mas, no que tange a questões sociais, ainda é tomada como um território destinado apenas ao masculino. Do campo para a literatura, percebemos que a relação da mulher com o futebol constitui um problema, pois através dela identificamos o confronto entre o desejo de liberdade das mulheres e a opressão social que tenta controlar os corpos, valores e papéis que moldam o feminino. É o caso do livro considerado literatura infantojuvenil, do escritor paulista Edson Gabriel Garcia, intitulado “Lili Pimenta, a dona da bola”.

Escrita em 2006, a obra apresenta, de forma bem divertida, a história de uma garotinha chamada Lili que, chegando à adolescência, enfrenta uma série de questões, dentre as quais escolher se vai ou não jogar futsal, mesmo que para isso tenha que enfrentar a posição machista da família, sintetizada na figura da mãe, e da escola, representada por alguns colegas, João Paulo, seu professor de Educação física.

O livro tem pouco mais de 80 páginas, com uma linguagem mais coloquial, o que torna a leitura bem fluída. Contudo, do ponto de vista sociocultural, a história narrada implica em situações e discursos indigestos no que se refere às relações de gênero ali expostas.

Na capa, aquela que seria personagem principal surge segurando uma bola, ou melhor, agarrando-a, o que já remete ao próprio conteúdo a ser apresentado no livro, já que ele versa sobre uma jogadora. Ainda detendo-se à capa, é possível observarmos alguns detalhes na ilustração, como a personagem vestida em roupas de cores contrastantes, o que chama bastante atenção do leitor, bem como o plano de fundo em um tom vermelho bem forte, lembrando a própria pimenta, ideia trazida no título. A ilustração, congruente com a história, foi realizada por Ricardo Montanari.

Na obra fica, perceptível o quanto o futebol ainda é um campo que merece ser mais ocupado pelo público feminino. Vê-se que, mesmo após a proibição que impediu as mulheres de jogar ser revogada, em 1979, ainda prevalece certa restrição quando o assunto é futebol e mulher. Exemplo disso são algumas escolas cuja prática esportiva é orientada pelo gênero, o que faz com que o futebol feminino siga pouco representado e compreendido, como podemos observar no livro analisado. Neste, observamos a mãe da protagonista Lili ser contrária à inclusão da filha no time de futebol da escola, assim como pensa o professor de educação física da instituição.

O problema não é Lili querer jogar bola, mas sim a personagem, sendo menina, desejar um esporte que é tomado socialmente como próprio ao masculino. Nesse contexto, evidenciamos o gênero como um sistema regulador construído socialmente que, conforme Scott (2019), hierarquiza homens e mulheres, acentuando a superioridade do primeiro.

Como já foi apresentado anteriormente, a história do futebol feminino tem sua trajetória marcada por lutas. Aliada nessa discussão destacamos a literatura voltada à denúncia, ao olhar crítico a partir da vertente feminista, através da qual se pode confrontar a realidade ainda marcada por impedimentos, restrições e limitações para as mulheres que desejam seguir com a prática futebolística. Vale ressaltar que Lili, personagem da obra, carrega consigo muitas vozes e as representa com muita ousadia, coragem e força nesse desafio, que vai além dos campos e quadras, pois é uma questão social.

A segmentação do futebol em modalidades “feminina e masculina” é um fator que contribui para a inferiorização das jogadoras diante dos jogadores. Separar o futebol em duas modalidades, por mais que pareça trazer importância para cada modalidade, alimenta um sistema de desigualdade, tendo em vista que se vê no futebol sempre a categoria feminina como sombra, como “algo” que derivou da modalidade masculina, e não como um mesmo futebol. Seria uma espécie de cópia da modalidade que, por excelência, seria a masculina. Ao cunhar “futebol das mulheres”, Kessler (2015, p.34) nos propõe uma reflexão interessante sobre como as questões de gênero são vistas no esporte. Para a autora, “gênero é uma categoria importante não apenas para o entendimento da sociedade, mas também das relações entre sujeitos esportivos”, pois o que se observa é que a nomenclatura mais separa do que une o futebol, dá ênfase a condição da mulher do que ao seu futebol, de fato.

Em defesa da discussão que traz para o centro o lugar da mulher no esporte, Anjos *et al* (2018, p. 2) apontam que “os esportes são importantes espaços de análise da relação entre os sexos, sobretudo por serem contextos que, tal qual o universo do trabalho, ensinaram, expressaram e perpetuam valores patriarcais”. Estes designam à mulher atividades

supostamente propícias à condição feminina, incongruentes com o que é requerido à figura da jogadora, que se veste de acordo com o jogo e prepara o seu físico para estar apta ao esporte. A feminilidade da jogadora é sempre posta em voga quando se fala em futebol das mulheres, e é essa também a justificativa que sempre se apresenta para que o futebol seja apenas masculino. O fato de a modalidade esportiva praticada por mulheres ferir essa visão patriarcal coloca o futebol das mulheres sempre em uma posição de impedimento frente ao desafio que é seguir com a prática do esporte no Brasil.

Dessa forma, entrar em campo com a literatura é confrontar a realidade ainda posta para muitas jogadoras como Lili que, para atuar em um espaço visto como pouco conveniente para a condição feminina, precisa ter uma postura de ataque frente a um imenso campo cujo time adversário está todo posto na defesa. O maior desafio, nesse caso, é ocupar o campo e se organizar nesse espaço para, assim, conseguir um ataque promissor. O apito foi dado e “o jogo só termina quando acaba”. E, para Lili, apenas começou.

3.1 Gênero e futebol no livro “lili pimenta, a dona da bola”

No primeiro capítulo da obra em tela, que se intitula “Coisas delicadas”, a personagem Lili aparece na ilustração tocando a região mais próxima dos seus seios, enquanto observa dois manequins com sutiãs na vitrine de uma loja. A expressão facial de Lili demonstra certa curiosidade, como se a menina olhasse para as manequins vestidas tentando se imaginar naqueles trajes, naquilo que, socialmente, mais parece fazer menção ao “feminino”.

Em seguida, o narrador apresenta a empolgação de Vânia, mãe da protagonista, que “parecia mais excitada do que Lili com a perspectiva da compra do primeiro sutiã da filha” (GARCIA, 2006, p.5). Um detalhe muito interessante a se destacar é a própria ideia do “primeiro”, sempre marcante na vida da mulher. E o que seria o primeiro sutiã? Existe toda uma construção social em torno da “feminilidade”, a compra do primeiro sutiã, mais do que significar que Lili estava crescendo e se tornando uma “mocinha”, simboliza o tempo em que será exigido da personagem se vestir e se portar de certo modo, expressando sentidos como delicadeza e beleza, em obediência a alguns padrões instituídos socialmente.

A mãe de Lili parecia empolgada por ver a filha passando pela transição da infância para a adolescência, e a marca desse processo era o que estava estampado em seu corpo, que pedia vestimentas mais adequadas, e que cobrissem o que não deveria ficar exposto, no caso dos seios. Porém, diferentemente de sua mãe, Lili se mostra o tempo todo preocupada, pois ela enfrenta um dilema. Para Vânia, que veio de uma geração em que a vestimenta representava o “ser mulher”, o momento da compra do primeiro sutiã com a filha era uma realização, um verdadeiro encontro de “mulheres”. No entanto, Lili não demonstra muita animação e enxerga esse encontro como um compromisso difícil de ser desmarcado, pois, para isso, teria que se justificar, o que acarretaria dizer para mãe que ela teria treino de futebol no time dos meninos da escola naquela tarde. Todavia, Lili, mesmo achando um verdadeiro exagero a atitude da mãe, se sente envolvida com a ideia em alguns momentos, conforme o narrador descreve:

Lili entrou no provador, puxou a cortina e experimentou a peça. Olhando-se assim no espelho descobriu que tinha gostado da ideia apressada da mãe de comprar-lhe sutiã. Parece que no fundo ela já havia até ensaiado esse momento, mas guardara o desejo escondido consigo. Queria mas não queria. Sabia mas não queria saber. E agora? Será que ela ainda era ela mesma? Será que a Lili continuaria a Lili de antes ou seria uma outra Lili, uma Lili depois, talvez uma Eliane, seu nome de verdade? Ficou por uns instantes perdida em divagações, até que ouviu a mãe chamando. (GARCIA, 2006, p. 8)

A compra do primeiro sutiã e o sentimento de prazer que experimentava com isso levam a personagem a se questionar se ela, a partir daquele momento, estaria realmente mudando, transformação essa assinalada pela menção ao seu verdadeiro nome, Eliane. Dessa maneira, Lili sente que, talvez, estaria vivendo um rito de passagem, que lhe exigiria assumir posturas mais condizentes com a mocinha que estava se tornando, entre as quais usar sutiã, já que seu corpo estava mudando e seus seios ficaram visível para outras pessoas, inclusive, a sua mãe.

Outro detalhe interessante no primeiro capítulo da história é a forma como Vânia aparece marcada pelo seu lado decisivo, independente, de líder, daquela que toma as decisões e que lida com tudo, dentro e fora de casa. Um trecho que afirma essa ideia é quando o narrador menciona que “Lili conheceu a mãe desse jeito e se acostumara com ela. E, desse jeito mesmo, gostava muito da mãe, admirando seu modo firme de decidir sobre as coisas de casa, do negócio da família que ela tocava, da vida de ambas” (GARCIA, 2006, p.6). O fato de Vânia assumir “os negócios da família” já propõe uma reflexão sobre a construção dessa personagem.

Ao longo da história, conforme as teorias feministas costumam revelar, a mulher precisou conquistar alguns espaços, como a de provedora do lar. No Brasil, até a década de 1970, era comum a ideia de mulher associada apenas ao contexto familiar, enquanto o homem era aquele que trabalharia para trazer o sustento. Por muito tempo, até meados de 1970, esse tipo de pensamento que coloca homem e mulher em posições diferentes perdurou (e perdura) em muitas sociedades, sem que haja explicações absolutas sobre essa divisão de trabalho:

Sem dúvidas, está implícito que as disposições sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães cuidem da maioria das tarefas de criação dos filhos estruturam a organização da família. Mas a origem dessas disposições sociais não está clara, nem o porquê de elas serem articuladas em termos da divisão sexual do trabalho (SCOTT, 1986, p. 61).

De acordo com Scott (1986), não existe justificativa clara sobre o porquê da manutenção da estrutura que produz uma divisão sexual do trabalho, em que as mães cuidam dos filhos, sua criação e de tudo ligado à educação, e o homem tem o direito garantido ao espaço público. Mesmo quando homem e mulher desempenham o mesmo tipo de função, muitas vezes, recebem salários diferentes. Quando a autora liga o contexto familiar ao contexto social, ideia importante já que não tem como desvincular “a situação” do meio em que está sendo desenvolvida, há que se pensar no próprio contexto de futebol mencionado neste trabalho, pois se tem um cenário evidente de desigualdade no que tange ao salário é dentro desse esporte.

Nessa ótica, considerando a ética, não há explicação para a jogadora Marta receber menos do que o jogador Neymar, sendo que ambos desenvolvem o mesmo papel. Destarte, há uma clara desigualdade salarial, originada, entre outras questões, no processo de preconceito que contamina essa modalidade esportiva. O mesmo esporte, quando praticado por sujeitos de sexo diferente, não é percebido socialmente com o mesmo valor. Logo, observamos que o gênero estrutura os lugares e valores sociais, e, no futebol, isso fica bastante.

Em se tratando de futebol feminino, é importante que se busque resposta no contexto inicial da modalidade feminina no Brasil. O início da prática do futebol, assim como para a personagem Lili do livro analisado, é especialmente na infância. Contudo, já nessa fase, há orientação diferente para meninos e meninas. Os primeiros são incentivados a gostarem e praticarem o esporte, pelo qual podem afirmar cada vez mais sua virilidade, enquanto que as meninas são desencorajadas a ocupar o campo de futebol, considerado supostamente como próprio do masculino. Daí o receio de Lili em abrir o jogo com a mãe, ou seja, em revelar que ela faz parte do time de futebol masculino da escola. Isso seria uma afronta aos papéis de

gênero defendidos pela sociedade, inclusive pela mãe. Do mesmo modo, a protagonista esconde dos seus colegas de time a razão pela qual faltou ao treino, afinal de contas se o plano era afirmar-se num espaço predominantemente masculino, a menina precisaria esconder sua feminilidade, representada pelo sutiã comprado com a mãe.

Percebemos que o dilema entre “coisas de meninos” e “coisas de meninas” surge forte na história, principalmente quando a personagem pensa no que aconteceu com um dos meninos na escola: ele foi zoadado pelos demais, ao ser visto com uma cueca furada. Lili vê na cueca o símbolo de representação do masculino, e agora no sutiã a representação do feminino. Embora o sutiã não precisasse estar rasgado, a personagem faz a comparação pensando no quanto, a qualquer momento, poderia sofrer zoação por vestir aquilo.

No segundo capítulo da obra, intitulado “Um treino sem goleiro”, fica mais explícita a questão da desigualdade de gênero quando o assunto é futebol. A obra, em si, retrata a postura de uma sociedade que, embora tenha sofrido mudanças ao longo dos anos, ainda é refém de um imaginário que coloca homem e mulher em posições e papéis diferentes. No livro, há claramente esta divisão quando é levantada a polêmica sobre o campeonato de futebol na escola. Este seria regido por um regulamento que fazia referência ao “número de meninos inscritos” (GARCIA, 2006, p. 11), excluindo, conseqüentemente, a possibilidade de Lili continuar sendo a goleira do time da sua turma.

Isso gera muita discussão na comunidade escolar, com sujeitos contra e a favor do regulamento. Um deles chamado Júlio César, vulgo JC, tenta explicar sobre o regulamento não permitir time misto: “menino quer dizer meninos e não outra coisa”; “meninos são meninos, e meninos são do sexo masculino. É um campeonato só para meninos” (GARCIA, 2006, p.11). É notável que o problema todo estava no fato de a competição ter sido destinada a apenas um público, gerando uma confusão na cabeça de parte dos próprios meninos, que não compreendiam o porquê da interdição das meninas nos times.

É interessante destacar que, em nenhum momento antes dessa discussão, o nome de Lili foi mencionado juntamente com o termo “goleira”. Em todos os momentos, até então, se falou de Lili como goleiro do time. A escolha por “goleiro” e não “goleira” diz muito sobre a confusão trazida pela disputa de futebol na escola. Ao se usar a definição de goleiro se cria um cenário em que a figura feminina é apagada para facilitar sua inserção num espaço em que há o predomínio do masculino. O conflito na utilização do termo reflete, portanto, o conflito em torno da própria participação de Lili no campeonato.

O surgimento do futebol para Lili, como traz o terceiro capítulo da obra, sugere uma espécie de desafio no qual a menina resolve “se colocar”. A exemplo do que ocorre geralmente na vida, a oportunidade de Lili jogar futebol acontece no time de meninos da escola. O futebol para as meninas, na percepção da personagem, é visto como um “desafio”, pois não é comum as meninas “escolherem” a prática desse esporte. De fato, num contexto que separa menino de menina segundo suas condições biológicas, atribuindo-lhes significados e funções diferentes, o futebol, que parece natural para o masculino, constitui em grande desafio para o feminino.

Infelizmente, em algumas escolas, em vez de problematizar a educação pautada no gênero, promovem-se brincadeiras, e posteriormente esportes, que separam meninos e meninas, reforçando para essas crianças a ideia de que há práticas que devem ser realizadas apenas pelos meninos, por eles, em tese, apresentarem naturalmente as habilidades adequadas, enquanto as meninas, marcadas pelo rótulo do medo e da delicadeza, são excluídas. Em pesquisa realizada, Ileana Wenez (2013) demonstra que

No universo da criança, o futebol é entendido como brincadeira de meninos. A atividade é geralmente definida como masculina porque precisaria ser realizada “com mais força”, porque é “muito violenta”, porque os meninos “gostam de adrenalina” ou porque os homens “são mais experientes” no momento da prática. Ao

contrário, a menina, quando brinca, “cai” ou “tem medo”. Consideram que elas “não sabem as regras direito”, em relação ao futebol, ou gostam de “esporte “mais calminho”. (WENETZ, 2013, p. 4)

Durante o estudo, a pesquisadora notou que as respostas dadas por meninos e meninas faziam menção ao futebol como algo violento. As meninas queriam jogar, mas, por não conhecerem as regras, viam apenas os meninos utilizando a força para jogar. Os meninos, por sua vez, reafirmavam a ideia de brutalidade, de extrema condição física para realizar a prática esportiva. É perceptível a disseminação de uma velha ideia sobre futebol, que fez com que esse esporte fosse proibido para mulheres por muito tempo, e que fez também com que a prática fosse completamente barrada de igual modo para todas as pessoas logo quando surgiu.

O futebol é um jogo que exige boa condição física, porque vai requerer do corpo resistência. Porém, essa é uma exigência feita pelo esporte em si, que não separa homem e mulher, pois cobra de ambos a mesma energia física. Assim, o problema não é exatamente o esporte, mas a construção em torno do feminino e masculino dentro dele, que é fruto de um machismo enraizado nas sociedades. O homem joga futebol e, então, teria preparo para isso. A mulher, sendo considerada um ser frágil, não estaria apta ao jogo, pois este poderia ferir sua delicadeza “natural”.

Quando a personagem Lili se desafia a jogar, a adentrar o cenário das quadras, cria um conflito de identidade. A menina se sente em dois espaços que parecem completamente distantes e distintos. O terceiro capítulo evidencia esse conflito na vida da personagem, principalmente quando traz os desejos de Lili misturados com toda a mudança física que agora também era notória para ela:

Alguns meses atrás, nada daquilo existia e, agora, ali estavam seus seios aparecendo, tomando forma e volume, ganhando ares de importância. Ela sentiu-se bem com o que viu. Passou a ponta de dois dedos sobre o bico dos seios e sentiu uma sensação boa, um prazer novinho em folha. Vestiu o sutiã de cor parecida com a da pele e tornou a olhar-se no espelho. Achou-se bonita. Gostou de vez do seu primeiro sutiã. Guardou os outros dois em uma das gavetas do guarda-roupa. (GARCIA, 2006, p. 14)

No trecho, a menina se observa no espelho de um jeito diferente, encantada com a nova fase que se prenuncia. A carícia no próprio seio e olhar pelo seu corpo revelam a descoberta da sexualidade e da feminilidade. Em seguida, o narrador menciona alguns detalhes sobre a personagem, como o fato de a menina ter um diário de anotações escondido em uma gaveta, que conta sua relação com o futebol. Lili se via dentro de quadra com seu time, mas também fora dele, talvez sendo Eliane, alguém que estava gostando das mudanças no seu corpo:

Hoje comprei meu primeiro sutiã. E tomei um porre da companhia de minha mãe. Mas acho que gostei. Será que vou gostar sempre? Será que esse é o sinal de que a partir de agora eu não posso mais fazer as coisas que fazia antes, com os meninos, por exemplo? Será que não posso mais jogar bola com eles? Num desses treinos aí atrás, uma bola escapou das mãos e eu senti a maior dor no peito. Que droga! A vida vai passando e a gente tem que parar de fazer o que gosta? E o time? E o campeonato? E o Júlio César? Como vai ser daqui a algum tempo? (GARCIA, 2006, p. 15)

Vale ressaltar que, além dos conflitos em torno de sua construção identitária, Lili também nutria alguns sentimentos por um parceiro de time, o Júlio César. Isso se misturava com tudo que já vinha sentindo em relação ao jogo, ao seu corpo, deixando a personagem bastante confusa, pois não sabia se o fato de estar ficando mocinha deveria acarretar no afastamento das atividades com os meninos, para afirmar sua feminilidade. Quando a menina

explicita em sua anotação que tem dúvida sobre “jogar bola com os meninos”, sobre “fazer o que gosta”, isso devido às mudanças em seu corpo, fica evidente a necessidade que ela sentia de tomar uma “decisão: escolher entre ser Lili (e, assim, ocupar espaços que seriam impróprios ao feminino) ou Eliane (conformando-se e performando, sem falhas, o feminino), como se existisse, de fato, duas pessoas completamente diferentes dividindo um mesmo corpo.

O quarto e o quinto capítulos trazem algumas respostas importantes ao dilema levantado ainda no início do livro. A questão era Lili jogar no time dos meninos e, para isso, deveria ser revogado o regulamento que proibia participações que não fossem do sexo masculino. De um lado, alguns meninos começam a zoação com a possibilidade de haver um time misto no campeonato: caçoam o time de Júlio César por ter uma menina no gol, disparando pilhérias sobre o sutiã de Lili e chamando o grupo de “timinho de mulher”, numa clara referência ao feminino como instrumento de inferiorização. De outro, os meninos do time em que Lili jogaria a cercavam em busca de um “sim” sobre a participação da menina no campeonato, pois queriam a melhor goleira da escola.

O capítulo cinco faz com que o olhar que antes estava voltado apenas para o contexto escolar seja também um olhar que acompanha o pensamento social, pois, quando Lili conta para sua mãe, Vânia, da sua relação com o futebol, sente a rejeição e preconceito que é parte do imaginário social. Lili é, então, repreendida por sua mãe:

Lili contou tudo à mãe. Desde quando começou a jogar até a brincadeira no intervalo, a frase na lousa e o desenho. Só não contou sobre aquele interesse meio diferente por Júlio César.

Vânia foi ouvindo pedacinho por pedacinho cada frase da filha. E Lili, entusiasmada, disse tudo, sem perceber que a mãe não estava gostando do que ouvia.

— Lili, você quer dizer que está jogando bola no meio de moleques?!

O tom da pergunta foi tão duro que Lili percebeu que alguma coisa não estava certa e, por alguma razão, sua mãe não tinha gostado da história. (GARCIA, 2006, p. 22)

A reação da mãe de Lili ao saber do contato da filha com o futebol trouxe à memória a própria lei que barrou o futebol feminino ainda em seu início, conforme já mencionado no presente trabalho. A impressão é de que há sempre uma ideia de clandestinidade em torno do futebol das mulheres. Há sempre uma proibição, e, nesse caso, Vânia, mãe de Lili, assume a postura que, durante a proibição do futebol feminino por lei, foi assumida por Getúlio Vargas, o então presidente na época.

Os discursos que permeiam essas vozes, tanto da mãe quanto dos meninos que fizeram a zoação com Lili na escola, estão perpassados por uma construção social em torno do corpo feminino, que, ao atribuir a este características como fragilidade, bane toda espécie de práticas que possa ferir tais traços. É um preconceito disfarçado de “preocupação”. É uma nítida forma de machismo, de impedimento às mulheres. Observando a contrariedade de sua mãe, Lili promete se afastar do futebol, até por ser essa a única resposta que encerraria aquela conversa prolongada por Vânia, que argumentava com a filha que futebol é “coisa para menino”:

Vânia realmente não tinha gostado da história e estava visivelmente irritada:

— Lili, minha filha, olhe para mim. Eu me mato o dia inteiro no trabalho para te dar uma vida boa, melhor do que a que eu tive, e você vai para a escola e fica jogando bola com os meninos?

— É só de vez em quando...

— Lili, nem de vez em quando, filha. Isso é coisa de menino, de moleque, não é coisa de menina...

— Mas não tem nada demais, mãe...

— Claro que tem! Tem muita coisa demais nessa história, minha filha. Primeiro: você é uma menina, e jogar bola é coisa de menino. Segundo: você é mulher, e mulher é mulher e homem é homem. Terceiro: você é menina, e menina é diferente

de menino. Você tem coisas que eles não têm... Por acaso menino vai ao ginecologista? Menino usa batom? Menino brinca com boneca? (GARCIA, 2006, p. 23)

Os argumentos utilizados pela mãe de Lili fazem sempre menção ao sexo da personagem, ao fato de ela ser, biologicamente, do sexo feminino, sendo essa, ao ver de Vânia, condição suficiente para a menina abolir o futebol de sua vida. Esta visão reproduz o machismo à medida que faz da condição biológica de sua filha um fator determinante do que ela pode ou não fazer. Para Vânia, há ainda uma clara divisão e diferença entre as coisas que devem ser destinadas ao sexo masculino e ao feminino. Em nenhum momento, Vânia questiona se a filha gosta de jogar, ou como ela se sente em relação ao esporte em sua vida. O sentimento de “razão” toma a personagem fazendo com que ela assuma essa postura mais severa em relação às escolhas da menina Lili.

Em direção oposta, Júlio César, capitão do time do qual Lili fazia parte, resolve conversar com sua mãe sobre os recentes acontecimentos e a resposta que obteve foi positiva. Diferentemente da mãe de Lili, a mãe de Júlio parece assumir um outro pensamento quando o assunto é “mulher e futebol”. Para ela, se Lili quer continuar no gol, então, a menina deve seguir jogando. O conselho dado ao seu filho, JC, é que ele tente convencer os organizadores do campeonato a abolir a regra absurda que não permitia inscrição de times mistos. Entretanto, ao consultar seu pai sobre o mesmo tema, Júlio Cesar se defronta com outra opinião:

Em vez de responder apenas com palavras, o pai deu primeiro um risinho malicioso e falou:

— Quer saber mesmo o que eu acho, Julinho?

— Claro, né, pai. Se eu perguntei...

— Digo uma coisa, meu filho. Se a tua irmã resolvesse aprontar uma dessa para mim, de querer jogar bola em time de moleque, ia levar uma bronca daquelas e ficar de castigo um bom tempo. (GARCIA, 2006, p.25).

Percebemos no riso do pai a reprovação da inserção de Lili no time dos meninos, como se isso nem devesse ser levado a sério. Também é flagrante na fala paterna uma educação autoritária, especialmente em se tratando da filha, como se esta não fosse um sujeito com sentimentos e gostos próprios, mas apenas um ser a serviço da obediência familiar. Por outro lado, a mãe de Júlio já apresenta um outro posicionamento em relação à participação de Lili no campeonato, conforme trecho em destaque:

Ele nem teve tempo de acabar a frase: foi bruscamente interrompido pela mulher:

— Bela resposta você dá a seu filho!

— Ué, ele perguntou, Marieta. Eu só respondi o que penso.

— E pensa muito errado. Cheio de preconceito. Daqui a pouco vai querer me dizer que eu devo parar de trabalhar porque em casa de macho só o homem trabalha e o lugar da mulher é na cozinha, no fogão e no tanque.

— Eu não quis dizer isso...

— Mas disse! Coisa de homem machista! Ultrapassado! Pensamento do século passado!

Os capítulos subsequentes, principalmente o sétimo e oitavo, são aqueles que mais destacam a proporção que a polêmica sobre o campeonato tomou. Quando o menino Júlio César é levado à diretora Zizi, após ser acusado de colar numa prova, ele aproveita a oportunidade para levar à direção sua queixa contra o regulamento do campeonato. A tal cola, na verdade, era um bilhete de Lili comunicando ao seu parceiro de time os seus recentes

pensamentos sobre sua participação nos jogos. A diretora, ciente do caso, tratou de reunir os professores para chegarem a um ultimato sobre a questão.

Esse contexto fez com que a comunidade escolar entrasse em alerta quanto ao preconceito de gênero, problematizando os muros erguidos entre homens e mulheres na sociedade, e em especial na escola. Mesmo assim, o professor de Educação física, que escreveu o regulamento, se manteve firme em sua postura de barrar Lili do campeonato. Em sua fala, em vários momentos, fez questão de enfatizar a sua postura como educador físico com uma didática rigorosa e fechada ao diálogo, conforme trecho em destaque:

O saco de Batatas resmungou umas palavras sem sentido, estufou o peito, embolou a traquéia, arregalou os olhos esbulhados, respirou fundo, fungou umas duas ou três vezes e soltou o verbo: — Bem... eu... num tem jeito... isso não dá... o campeonato é coisa de homem... assim não dá... mulher é mulher, e homem é homem... cada um na sua... tô fora. (GARCIA, 2006, p. 35)

Nessa fala do professor, há um pensamento completamente ultrapassado, de alguém que não está aberto ao diálogo, sem margem, portanto, para a desconstrução ou ampliação de sua visão de mundo. Ele profere um discurso machista que não poderia, de modo algum, estar presente dentro de um cenário escolar, local em que, teoricamente, o alunado, sujeito ativo, precisará ter contato com práticas de respeito, empatia, solidariedade.

A diretora da escola, que, segundo o narrador, também vivenciou rejeição e julgamento por querer brincar com objetos que eram destinados aos meninos em sua infância, decide, então, que será necessário ampliar a discussão em torno da participação da menina Lili no campeonato com os meninos. Zizi resolve convocar alguns professores para fazer uma espécie de votação. A ideia inicial seria decidir ali mesmo entre os professores, porém, tendo em vista a proporção que a discussão tomou entre os alunos, pareceu mais interessante envolver a comunidade escolar, mediante uma eleição em que o “sim” representava a ideia de que a mulher pode e deve ocupar qualquer espaço que desejar na sociedade, inclusive ser goleira num time de meninos; e o “não” significava o impedimento de Lili no time, reforçando, assim, a existência de que haveria supostamente lugares e papéis pré-definidos para homens e mulheres.

No capítulo dez, todos tentam se mobilizar e tomar partido na eleição. Enquanto os professores faziam suas campanhas, os treinos em quadra seguiam. Durante um desses treinos, um dos meninos por nome de Duda cria um alarde quando Lili vai ao chão após levar uma bolada no peito. Valendo-se da situação, o professor João Paulo, o conhecido saco de batatas, tenta justificar a sua tese de que menina não deve jogar bola. Mas, diferentemente dele, em quadra a torcida já toma partido em favor de Lili, e é interessante quando um grupo de alunos, de uma outra série, ergue uma faixa com a mensagem: “o mundo é das mulheres” (GARCIA, 2006, p.49). Com vaias, mas também com aplausos, Lili se via envolvida em um grande conflito que também a acompanhava até sua casa, tendo em vista que sua mãe era quem menos gostava de toda essa história.

O resultado da eleição permitiu que Lili, enfim, jogasse no campeonato. Não que a personagem fosse apaixonada pelo esporte, mas a simples decisão de participar dele, ao menos temporariamente, já foi suficiente para que as instituições, representadas pela família e escola, acionassem a vigilância sobre as fronteiras do gênero. Ao longo da narrativa, observamos Lili confusa em seus dilemas: as mudanças em seu corpo, a dúvida sobre jogar ou não futebol, a transformação nos seus sentimentos, principalmente em relação ao campeonato, aos seus parceiros de time, com destaque para Júlio César. Dividida em afirmar sua feminilidade e conquistar Júlio ou jogar bola, fazendo o que, naquele momento, gosta, Lili é tomada por conflitos, cujo entendimento se baseia no gênero. Se a sociedade não separasse

rigidamente o mundo em “coisas de menino e coisas de menina”, certamente a angústia da protagonista seria abrandada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões tecidas neste trabalho, observamos o quanto a sociedade ainda está envolta em uma teia de preconceitos, machismo e desigualdades, apesar de que ela vem passando por um amplo processo de desconstrução. Contudo, a vida das mulheres, em vários âmbitos, não se tornou mais fácil, a exemplo daquelas que decidem jogar futebol.

A obra “Lili Pimenta, a dona da bola” apresenta visões sobre o futebol feminino de alguns atores da instituição escolar, mas também, e, principalmente, a ótica social mais ampla sobre o tema. O que se tem no ambiente escolar é fruto de uma problemática que ultrapassa aquele espaço, e que se finca em discursos sociais velhos e ultrapassados. É, na verdade, um reflexo do que se construiu ao longo do tempo em torno do “masculino e feminino”, portanto, uma questão de gênero.

Quando a personagem Lili decide jogar em um time de meninos há toda uma movimentação para barrar sua entrada em quadra, e um dos personagens que mais influencia nesse processo de rejeição está representado na figura do professor de Educação Física, o que mostra o quanto a voz masculina ainda se faz presente e com muita força dentro do campo futebolístico.

A Literatura, como um meio de propor confrontos antes não permitidos ou invisibilizados, surge como um aliado na luta feminina em busca de emancipação no futebol, e isso pode ser visto a partir da crítica desenvolvida tendo como base a leitura da obra em questão que, ao abordar os desafios vivenciados pela jogadora Lili, permite um olhar mais atento para o que parece estar oculto, muitas das vezes, socialmente, mascarado por todo um discurso que afirma a liberdade da mulher para a prática esportiva, mas que, diariamente, contradiz essa ideia de liberdade ao negar as possibilidades de avanços da modalidade feminina, seja pela falta de investimento financeiro, seja pela ausência de engajamento cultural.

Por fim, ressaltamos que o material aqui apresentado focou em pontos mais específicos da obra, já que o objetivo foi o de pensar as questões de gênero pressupostas no conflito principal da trama, representada pelas reações contra e a favor da presença de Lili no time de futebol masculino. Evidentemente, nossa leitura não limita a possibilidade de pesquisas futuras sobre a obra “Lili Pimenta, a dona da bola”; pelo contrário, é apenas um enfoque, dentre muitos outros, que a obra permite ser abordada, especialmente na escola, contexto em que seria interessante propor o confronto entre a realidade da narrativa com a realidade de sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza Aguiar dos et al. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista estudos feministas**, v. 26, 2018.

ALÓS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro. Crítica literária feminista: revisitando as origens. **Fragmentum**, n. 49, p. 15-31, 2017.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

GARCIA, Edson Gabriel. **Lili Pimenta, a dona da bola**. São Paulo: Atual, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

HISTÓRIA do futebol feminino no Brasil. **Ge**, 2019. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#:~:text=At%C3%A9%20a%20d%C3%A9cada%20de%2040,e%20ideal%20apenas%20para%20homens/> Acesso em: 31 de maio de 2022.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015.

LORDE, Audre et al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

LOPES, Larissa. Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil. **Jornal da USP**, São Paulo, 13 de jun. de 2019. Ciências Humanas. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/> Acesso em: 31 de maio de 2022.

MARASCIULO, Marília. O decreto-lei que proibiu mulheres de jogar futebol no Brasil por 40 anos. **Galileu**, 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/07/o-decreto-lei-que-proibiu-mulheres-de-jogar-futebol-no-brasil-por-40-anos.html/> . Acesso em: 31 de maio de 2022.

PISTICELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. Berlendis & Vertecchia, 2009.

STEIN, Leandro. Há 700 anos, rei da Inglaterra decretava que jogar futebol era crime. **Trivela**, 2014. Disponível em: <https://trivela.com.br/inglaterra/ha-700-anos-o-futebol-era-proibido-pelo-rei-sob-ameaca-de-prisao-quem-jogasse/> . Acesso em: 31 de maio de 2022.

WENETZ, Ileana. Meninas, meninos e futebol, quem brinca disso na escola. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, v. 10, 2013.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista**. BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas, v. 3, p. 181-203, 2009.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai celestial, que nunca deixou de estar comigo durante a minha caminhada. A ele toda honra, glória, e gratidão, por tudo que tem feito, que é infinitamente mais do que mereço.

À minha família por todo apoio, força, compreensão. À minha querida mãe que sempre sonhou em ver sua filha formada, e que sempre lutou por isso. Aos meus irmãos; Luciano, Lucas, Luan e Luís por serem meus cúmplices e amigos.

À professora Kalina Naro Guimarães pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, bem como acolhimento desde o início com a proposta do trabalho.

À minha amiga Débora, que sempre me deu forças para seguir no curso.

Ao meu amigo e professor José Antônio, que sempre fez questão de acreditar no meu potencial trabalhando com algo pelo qual sempre tive muito apreço, que é o futebol.

Aos meus amigos: Vitória Taísa, José Vagner, Liriana, por sempre me proporcionarem momentos incríveis no ambiente acadêmico, e me incentivarem a progredir em minha caminhada.